

LEANDRO MAZZINI
COLUNA
ESPLANADA



ENSAIO

■ Os olavistas – seguidores do pensador Olavo de Carvalho – do governo fizeram uma aliança com um setor cultural o qual consideram de perfil da esquerda para reativar a Cinemateca. Depois de mais de um ano fechada, o secretário especial de Cultura, Mario Frias, comunicou no final de 2020 que iria contratar a Sociedade de Amigos da Cinemateca (SAC) para gerir a Cinemateca por 90 dias, a partir deste mês. Num passado recente, durante a gestão de Marta Suplicy no Governo Dilma Rousseff, a SAC foi expulsa da Cinemateca por causa de um escândalo envolvendo R\$ 100 milhões. Até o semestre passado, existia um processo parado na Subsecretaria de Audiovisual (SAV) contra a SAC. A Secult é o último reduto dos olavistas na Esplanada.

Em cena

■ O cineasta Roberto Ger-vitz, líder da SOS Cinema-teca, ligado ao PSOL, crítico ferrenho do presidente Bolsonaro, comemorou nas redes sociais a esperança do retorno à gestão da Cinemateca.

Ninho

■ A presidente da SAC é professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Dora Mourão. USP é apontada como ninho intelectual da centro-esquerda pelos bolsonaristas.

Tecla quente

■ Não bastasse a CIDE na bomba de combustível, o deputado Felipe Barros (PSL-PR) quer instituir a mesma Contribuição de

Intervenção no Domínio Econômico sobre a “receita bruta de serviços digitais de disponibilização, distribuição, divulgação ou fornecimento de conteúdo por intermédio da internet”, (PL 640/2021). É para cercar as grandes empresas de internet como Google, Amazon e Netflix, entre outras. Mas a conta final chegará para o consumidor, claro. A conferir se avança.

Quatro patas

■ O deputado federal Célio Studart (PV-CE) tem bons projetos, mas pegaram no pé dele nas redes sociais ao apresentar o PL 561, para criar o Dia Nacional do Jumento. É que o bicho é fonte de sustento para muita gente do Ceará, sua terra natal.

VIDAS X MERCADO



REPRODUÇÃO/FACEBOOK

■ O governador do DF, Ibaneis Rocha, no esforço de conter o avanço dos números da pandemia do coronavírus – a exemplo de outros colegas – ganhou ontem um inesperado ‘adversário’ do confinamento popular. O Conselho Regional de Medicina do DF soltou nota contra o lockdown decretado.

Há controvérsias

■ A nota chegou a citar um diretor da Organização Mundial de Saúde, o Dr. David Nabarro: “O lockdown não salva vidas e faz os pobres muito mais pobres”. Será mesmo?

Preço do ato

■ Nesse vaivém de decisões Brasil adentro sobre lockdown, alguns prefeitos dançaram na tentativa de reeleição ano passado. Caso de João do Léo, ex-prefeito de Pirenópolis, que perdeu feio nas urnas após fechar a cidade por mais de 90 dias. Mas seguiu o avanço.

No aco\$amento

■ Foi só o ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, anunciar retorno em obras do lucro da licitação de rodovias federais no Paraná para a bancada (estadual e em Brasília) ligar o buzinaço político. A Assembleia já quer excluir as rodovias estaduais das licitações. Será por quê?

Alô, Jair!

■ A ex-deputada Cidinha

Campos (PDT) pediu ontem, no ar, uma entrevista com o presidente Jair Bolsonaro, em seu programa na Super TUPI FM no Rio de Janeiro. Cidinha garante quer apenas saber onde Bolsonaro aprende coisas sobre a pandemia. “Coisas que os médicos não sabem”.

Raios x do bolso

■ O brasileiro tem gastado dinheiro na praça. Foram 9% mais de consumo nas classes C e D apenas no 4º trimestre de 2020, em comparação ao trimestre anterior, constatou a 1ª edição da Pesquisa de Hábitos de Consumo da Superdigital, fintech do Grupo Santander que reúne mais de 1,7 milhão de contas ativas.

Freio

■ As concessionárias do Brasil – em especial a rede da BMW – tentaram driblar o pagamento de uma taxa federal, a de Controle e Fiscalização Ambiental (TCFA), paga ao Ibama. Mas a Advocacia Geral da União freou a ação na Justiça.

Publicada diariamente em 51 jornais de 25 estados, em capitais e interior
Com Equipe DF, SP e PE / reportagem@colunaesplanada.com.br. Twitter @colunaesplanada / Facebook : Coluna Esplanada. Leia mais em odia.com.br

OPINIÃO

CRÔNICAS E ARTIGOS

Sem lenço, sem documento... e sem rumo



Marcelo Kieling
jornalista, esp. em mark e bacharel em Ciências Contábeis

Sou filho de família totalmente brasileira. Meu pai, um pernambucano, veterano da Segunda Guerra, um anônimo militar, herói nacional. Minha mãe, uma gaúcha, com alguma linhagem ligada na família Vargas. Meus dois irmãos, membros importantes do Judiciário carioca, nasceram em São Luís, Maranhão. Minha irmã, a única que tem a opção correta de local, nasceu no Rio. Eu, por capricho dos deuses, nasci em Querência do Norte, Paraná, para onde meus avós maternos, foram desbravar as terras, nas plantações de café.

Vivo no Rio desde os três anos de idade, quando meu pai, passou para a reserva do Exército. Tive infância maravilhosa, mesmo com todos temores da ditadura. Fiz curso primário em escola pública e o ginásio e científico na melhor escola do Brasil, o meu amado e inesquecível Colégio Pedro II. Servi ao Exército, me formando 2º tenente R2, depois de cursar o Centro de Preparação da Reserva (CPOR/RJ), em 1979. Depois percorri meu caminho educacional, com cursos e formações superiores.

Sendo assim, vivi os anos, talvez mais duros da história recente do país. Mas hoje vivemos os momentos mais cruéis, profanos e desesperadores da nossa história. Vivemos numa democracia, corroida pelo ódio, com um governo atuando com a disseminação da mentira, do racismo, da guerra aos gêneros e é absolutamente desprovido de qualquer sentimento de empatia ou compaixão.

Com isto me vejo compelido diariamente a escrever e expor meu sentimento de indignação e revolta, pelo momento de total desgoverno e pela absoluta inércia da elite ou cúpula da sociedade, que parece anestesiada ou é conivente de governo desleal, desprovido de compromisso com o país e com o povo.

Os representantes do governo federal atual tentam seguir o manual do fascismo da extrema direita. Pregam o forte nacionalismo, ultra-conservadorismo, extremismo, superioridade em relação



PAULO ESPER

a outras culturas e até mesmo adotam comportamentos de preconceito e xenofobia. Uma das metas desta forma de fazer política é destruir as instituições, para se ter o controle totalitário sobre tudo. E tem também como ferramenta a transferência de responsabilidades de seu absoluto desgoverno, usando basicamente a metodologia do bode expiatório: tudo é culpa da esquerda, do PT, dos progressistas etc.

Sempre se mostram estranhos nas decisões de seu próprio governo, tentando angariar cada vez mais a simpatia do pequeno grupo de fanáticos que os seguem. Consideram os outros como inimigos políticos. E, se for possível, precisam ser aniquilados, como vemos na periferia e perseguição a indígenas. Ou devem ser exterminados simbolicamente, com a ideia do silenciamento e censura.

Exemplo recente: Trump e o seu incentivo para os ataques ao Capitólio e destruição do mundo democrático político. Outro exemplo mais antigo: Hitler, que por sinal é o exemplo mais assemeelhado ao do atual governo desta lona circense instalada na bolha chamada Brasília. Escrevo tudo isto com muita tranquilidade, pois participei intensamente da pré-montagem de uma campanha presidencial, e de uma outra para Prefeitura do Rio de Janeiro. Vi de perto uma grande leva desses “caras” que se mantêm no poder por décadas. Aprendi a ter alguma habilidade na interpretação e sensibilidade da política.

Uso de muita ironia para tentar vencer a minha indignação e revolta diante da forma como esses indivíduos tratam

nossa terra, que é simplesmente rica, linda, poderosa, cheia de recursos, mas que é explorada como um garimpo escravo que parece querer não ter fim.

Vivemos um momento perigosíssimo, pois estamos muito perto do caos social, que será muito mais grave do que ocorreu na também bela Venezuela e, se chegarmos neste ponto, pela extensão territorial e pelas distintas áreas de percepção regional, o Brasil levará décadas para ter alguma recuperação. Não temos problemas, somos ricos. Mas estamos diante um grande exercício de retrocesso, da derrubada do interesse público, da destruição do coletivo em prol dos desejos de um pequeno grupo ideológico.

Não podemos, por nossos filhos e netos, deixar isto acontecer e muito menos prosperar. A democracia no Brasil vive em crise desde 1988, mas o atual momento vem da ideia da necessidade do autoritarismo, do golpismo, da ditadura, pois a democracia seria frágil demais e não funciona em momentos de insegurança.

O discurso presidencial é de que o culpado pela situação de crise é justamente a política. Porque a política é atividade corrupta, suja, vergonhosa, mentirosa, elitista, fisiológica. Existe de forma cínica, e então, há negação da política, como se já não bastassem a negação sanitária, o negacionismo e abandono da Ciência e descaso com a Educação.

Precisamos de voz de liderança e de uma marca forte que seja a cabeça e o coração desta luta pela LIBERDADE, IGUALDADE e FRATERNIDADE. Depois de séculos, precisamos da nossa Revolução Francesa.

Coalizão contra a devastação ambiental



Bruna Galvão
coord. Campanhas do Lab de Clima da Purpose

A devastação da Amazônia, acelerada de forma assustadora em 2020, segue em 2021 sem freios. Isso porque o governo federal tem destinado ao meio ambiente tratamento semelhante ao que dispensa à pandemia, não por acaso, ainda fora de controle. Sem mudança imediata de rumos nas políticas públicas ambientais, há de se perguntar o que restará do Brasil para as futuras gerações. Nesse contexto ameaçador, é bem-vindo o surgimento da Coalizão Evangélicos pelo Clima, instrumento estratégico de pressão popular por essa mudança obrigatória.

Igrejas e entidades de diversas bandeiras religiosas evangélicas compõem a coalizão. O movimento carrega o peso político na sociedade de um setor que corresponde a cerca de um terço dos brasileiros, dado estatístico que avança, inclusive, em curva de crescimento. Os

resultados de pesquisa feita no final de 2020 pela agência Purpose inspiraram a formação da coalizão. Entre os dois mil evangélicos entrevistados em todo o país, 50% declararam o voto em Bolsonaro em 2018, mas 76% agora desaprovam as suas políticas ambientais. Do total, 67% declararam a intenção de levar em conta, ao decidir o próximo voto, essa preocupação com a agenda ambiental.

Na versão qualitativa da pesquisa, manifestou-se a visão de que a pandemia seja, inclusive, resposta aos ataques ambientais. Para 85% dos entrevistados, esses ataques representam pecado digno da ira de Deus. O desmatamento é a principal preocupação de 44% dos evangélicos ouvidos. A poluição das águas mobiliza 20% entre os pesquisados e o descarte inadequado de resíduos sólidos, 11%. As mudanças climáticas e o aquecimento global, grandes obras, agrotóxicos, a agropecuária, a caça e pesca e a mineração desenfreados são citados como ameaças.

Os dados levantados pela Purpose revelam o pensamento da consistente base de sustentação da coalizão, que

nasce e se organiza no seio das comunidades evangélicas brasileiras. A opinião que desse modo vem à tona desconstroi o senso comum segundo o qual esse público se constituiria em bloco supostamente rígido e homogêneo de apoio ao governo Bolsonaro. Essa posição dos evangélicos tem potencial de alto impacto na sociedade e na política em nosso país. A consciência ambiental dos evangélicos pode transformar a realidade ambiental sem qualquer conflito com a fé e até, pelo contrário, em sintonia com reconhecimento do caráter divino da Criação.

A coalizão, em conjunto com os demais movimentos de defesa ambiental, tem muito a contribuir para apressar no país as condições para o urgente basta à destruição gananciosa de florestas, animais, água, clima e do próprio ar que respiramos. Mais do que isso, o movimento semeia a esperança de um novo tempo em que será possível promover no Brasil relação responsável e harmônica entre o ser humano e a natureza criada por Deus, da qual somos parte e sem a qual deixaremos de existir.

DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600/2222-8650/2222-8651

PRESIDENTE
Alexandre Donizeti

EDITOR-CHEFE
Aloy Jupiara

SUBCURADORES
Max Leone, Ana Carla Gomes e Paulo Ricardo Moreira

EDITOR-ASSISTENTE DE ARTE
Alessandro Matheus

DESIGNERS
Amaro Prado, Amaro Prado Junior, Celso Reis, Marcela Musse e Thiago Ladeira

INFOGRAFISTAS
Francisco Silva e Paulo Márcio Esper

DEPARTAMENTOS:
Agência O DIA: E-mail: agencia@odia.com.br.
Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265.
Fax Diretoria: 2507-1038.
Parque Gráfico: 3891-6000. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica. **Gerência Industrial:** 3891-6002.
Gerência de Circulação e Logística: 3891-6005.

Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)
Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem.
Mais informações : Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfica, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

São Paulo: Avenida Irai 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313. **Brasília:** Tel: (61) 9920-91891.

Promoções: promocoes@odia.com.br
Classificados: Tel: 2532-5000 / WhatsApp: 98762-8279 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.
Anúncios de Noticiário: 2222-8191 / 2222-8631 / 2222-8388. **Anúncios para o Interior:** 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388.
Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h.
Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.

Editora O DIA LTDA. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica - Rio de Janeiro - RJ.
O DIA é filiada ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).